

Comemoração ao centenário das Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917) de S. Freud

Sobre a transferência

*Por Bernardo Tanis**

Difícilmente o leitor não terá se defrontado nas suas leituras e estudos anteriores com a noção de transferência. Mesmo que não seja um praticante da psicanálise este conceito e tão central na clínica que sua importância hoje transcendeu seu lar de origem, a clínica de inspiração freudiana, e infiltrou-se de modo explícito ou implícito em todo o campo das psicoterapias e, ainda mais, na compreensão das relações entre consultantes e profissionais, sejam estes: psicólogos, médicos psicopedagogos, professores, fonoaudiólogos, etc. Tamanha expansão de um conceito só e possível dado sua relevância clínica e sua fecundidade heurística, vale dizer a sua capacidade de iluminar fenômenos clínicos até então pouco compreensíveis. Meu objetivo será um breve comentário em torno da riqueza e importância deste conceito, da sua pertinência clínica.

Mas antes vejamos uma das primeiras definições de transferência: *“Que são transferências? São reedições, recriações de desejos e fantasias, que na medida em que análise avança só podem despertar e tornarem-se conscientes; mas o mais característico de tudo é a substituição de uma pessoa anterior pela figura do médico”. Em outras palavras: “toda uma série de vivências psíquicas anteriores não é vivida como algo passado, mas como vínculo atual com a figura do médico” Freud.*

Estamos muito distantes de uma clínica onde a separação sujeito objeto pode ser defendida, pelo contrário trata-se de um profundo mergulho na subjetividade para alcançar um grau de objetividade, poderíamos dizer até que no campo dos fenômenos inconscientes, com o qual lida a psicanálise, as noções de objetividade e subjetividade são subvertidas, mostram-se insuficientes para elucidação do processo de semiose interpretativa e transformação gerada pelo campo transferencial.

Uma das principais consequências da descoberta do fenômeno transferencial foi que as noções de memória e temporalidade e identidade são completamente subvertidas. O inatual, o infantil, é vivido como atual, a memória não obedece a o registro clássico de registro e evocação pois é deformada pelo processo primário, e aquilo que somos ou achamos que somos não é experimentado deste modo pelo analisando. Vive-se então na análise um estado que Freud denomino de neurose de transferência, uma neo-realidade produzida como resultante da subjetividade do analisando e a situação analítica que inclui a pessoa e presença do analista.

Freud percebe na medida que avança no seu percurso as diferentes modalidades de inscrição psíquica da experiência, assim como os diferentes graus de registro mnêmico. Desde as formas mais evoluídas, capazes de evocação através da lembrança, até experiências de natureza traumática cujos traços jamais poderão ser evocados, inscrições psíquicas que vagam desligadas pelo aparelho psíquico extremamente pobres em representação mais capazes de produzir estados afetivos caóticos, um máximo de expressão e um mínimo de simbolização.

Será neste campo atual, campo transferencial, que ocorrerá o desdobramento das forças em conflito. Tornar consciente o inconsciente, objetivo do processo analítico inicial não é abandonado, mas compreendido a luz deste novo fenômeno descoberto. Este aspecto é central, pois trata-se do desvelamento de um cenário fantasmático inconsciente a partir da transferência. Embora esta modalidade de compreender a transferência tenha origem nas patologias neuróticas e a modalidade técnica transforma-se noutros tipos de patologia, como as *bordeline* ou somatizações, estamos sempre à procura de ampliar a capacidade de simbolização dos nossos analisandos, aqui nossa conversa vai se tornando mais complexa. Já não se tratará mais de desconstruir sentidos ocultos, mas de construir representações psíquicas onde não existem. Mas isto já é tema para outro texto.

Este brevíssimo percurso assinala o aspecto aberto da obra freudiana e sua teoria da transferência que se alarga e ganha em sutileza e complexidade na medida que sua compreensão do psiquismo se aprofunda. A obra fundadora viu-se enriquecida, ampliada e ressignificada pelos analistas que o sucederam até os nossos dias.

* Bernardo Tanis é psicanalista e presidente da Sociedade de Brasileira de Psicanálise de São Paulo (gestão 2017-2018)